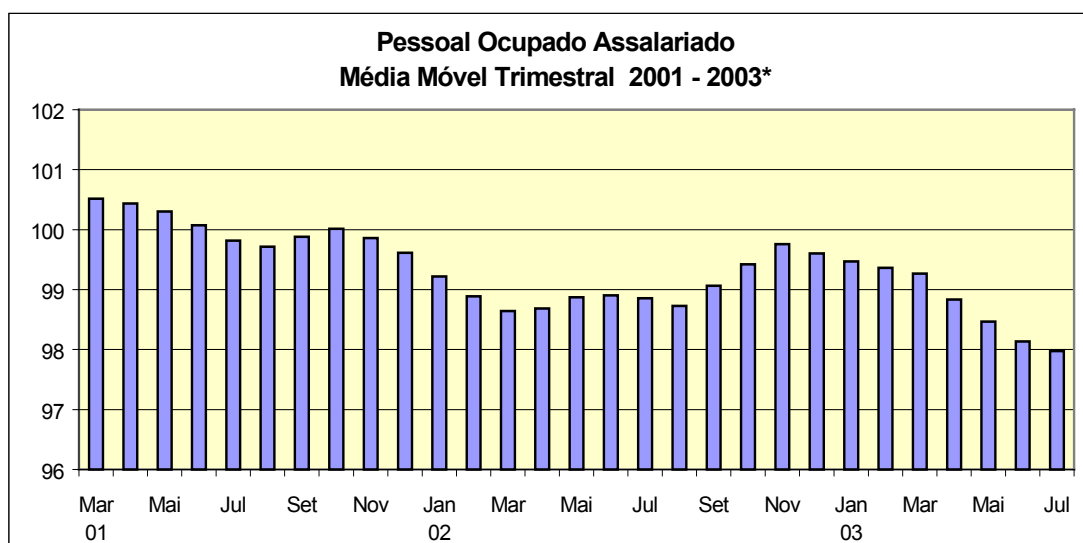


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em julho, os indicadores do emprego industrial permaneceram negativos. Na passagem de junho para julho houve recuo de 0,2%, mesma taxa observada no mês anterior, na série livre de influências sazonais. Em relação a julho de 2002, o número de demissões no setor industrial continua superando o de admissões e, com isso, o índice mostra uma redução de 1,2%, acumulando assim uma queda de 0,3% no período janeiro-julho. Já no acumulado dos últimos doze meses, o índice mostra estabilidade ao repetir este mês resultado igual ao de junho (-0,3%).

A redução de 0,2% nos postos de trabalho observada em relação a junho é a sexta consecutiva para este tipo de comparação, acumulando assim, 1,8% de perda entre janeiro e julho deste ano. Com isso, o indicador de média móvel trimestral permanece assinalando uma trajetória de queda, porém com um recuo menos acentuado entre junho e julho (-0,2%), que o observado de maio para junho (-0,3%).

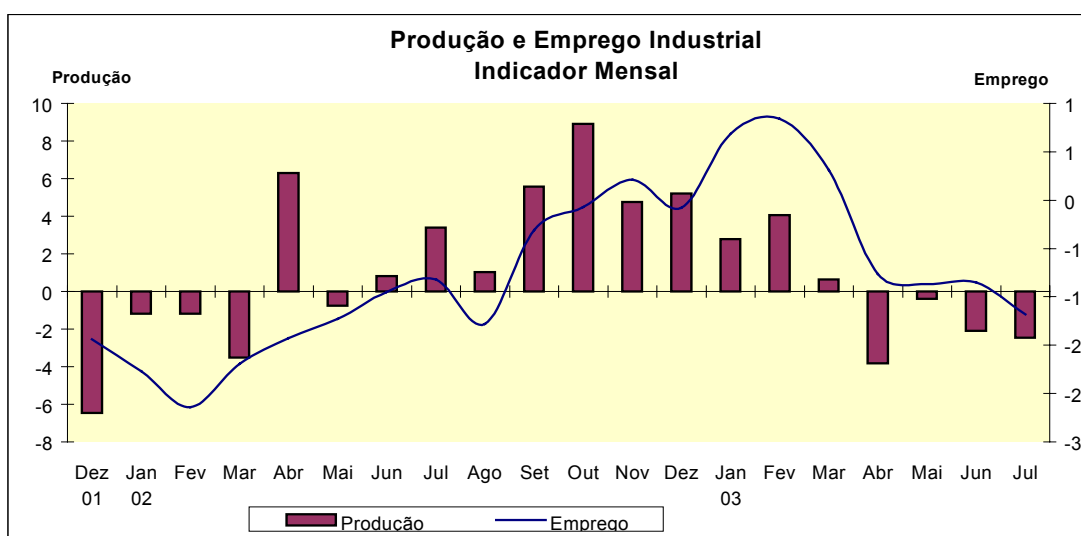


Fonte: IBGE/DPE/Coodenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

Em relação a julho do ano passado, os indicadores mostram um decréscimo de 1,2% no contingente de trabalhadores, após queda de 0,9% em junho. O nível de emprego se reduz em dez das quatorze áreas investigadas, com Rio Grande do Sul (-4,8%), seguido por São Paulo (-1,3%) exercendo as maiores influências negativas no índice nacional. Na primeira região o corte de pessoal observado na indústria de calçados e couros (-9,3%) foi determinante na formação do resultado local, em São Paulo os recuos mais significativos são divididos entre os setores de minerais não-metálicos (-12,9%), máquinas e equipamentos eletro-eletrônicos e de comunicações (-9,6%) e papel e gráfica (-6,8%). Na contramão da tendência geral, as áreas que ampliaram o emprego foram: região Norte e Centro-Oeste (4,8%), Paraná (2,9%), Santa Catarina (2,2%) e Pernambuco (0,9%).

Em nível nacional, os índices setoriais mostram que o principal impacto negativo, para a redução no emprego frente a julho de 2002, foi o corte de pessoal observado no setor de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-8,2%), seguido pelas indústrias têxtil (-5,8%) e de minerais não metálicos (-6,2%). Por outro lado, as contratações nos segmentos de alimentos e bebidas (1,0%), refino de petróleo e produção de álcool (10,0%) e máquinas e equipamentos-exclusive eletro-eletrônicos e de comunicações (3,2%) foram as mais significativas, porém não conseguiram reverter a tendência de queda do nível do emprego.



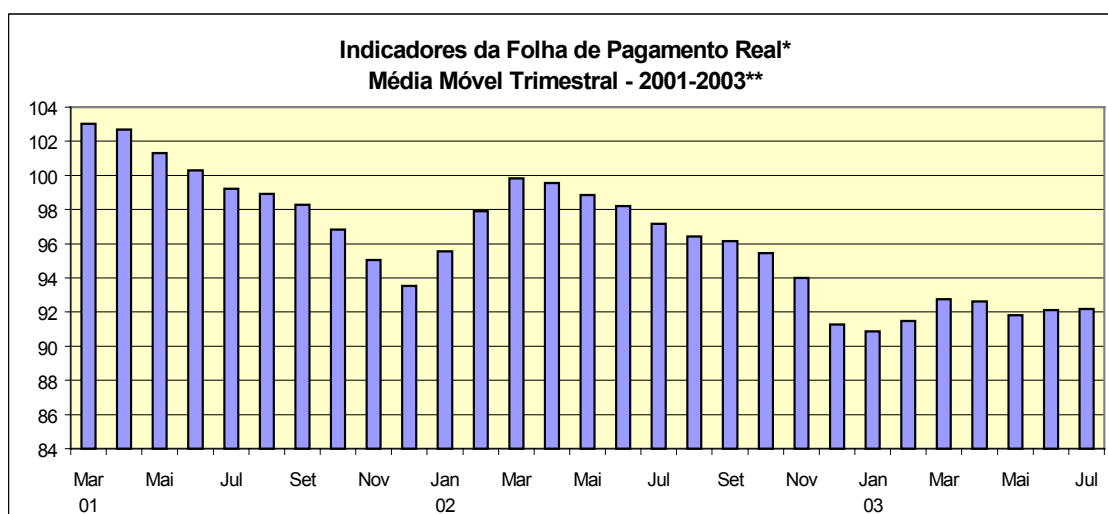
Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

No acumulado do ano, o emprego industrial apresentou redução de 0,3%, reflexo da queda em dez regiões e em dez ramos industriais. No total do país, os destaques negativos também foram observados na fabricação de outros da indústria de transformação (-8,7%), minerais não-metálicos (-5,1%) e têxtil (-3,3%). No corte regional, região Nordeste (-2,2%) e São Paulo (-0,6%), responderam pelas principais contribuições negativas. No parque paulista, a principal pressão negativa foi a redução dos postos de trabalho no setor de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-9,2%) e, no nordestino, as pressões mais importantes vieram de minerais não-metálicos (-5,0%) e têxtil (-3,9%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,3%), sinaliza estabilidade no ritmo de queda do emprego presente desde março de 2003.

#### FOLHA DE PAGAMENTO

A indústria brasileira amplia, pela segunda vez consecutiva, o valor real da folha de pagamento de seus trabalhadores: entre junho e julho há uma expansão de 0,4%, já descontadas as influências sazonais, sendo este movimento de melhora confirmado pela evolução do índice de média móvel trimestral. Estes mostram uma suave recuperação do valor da folha de pagamento: entre os trimestres encerrados em maio e julho deste ano há um acréscimo de 0,4%.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

\* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

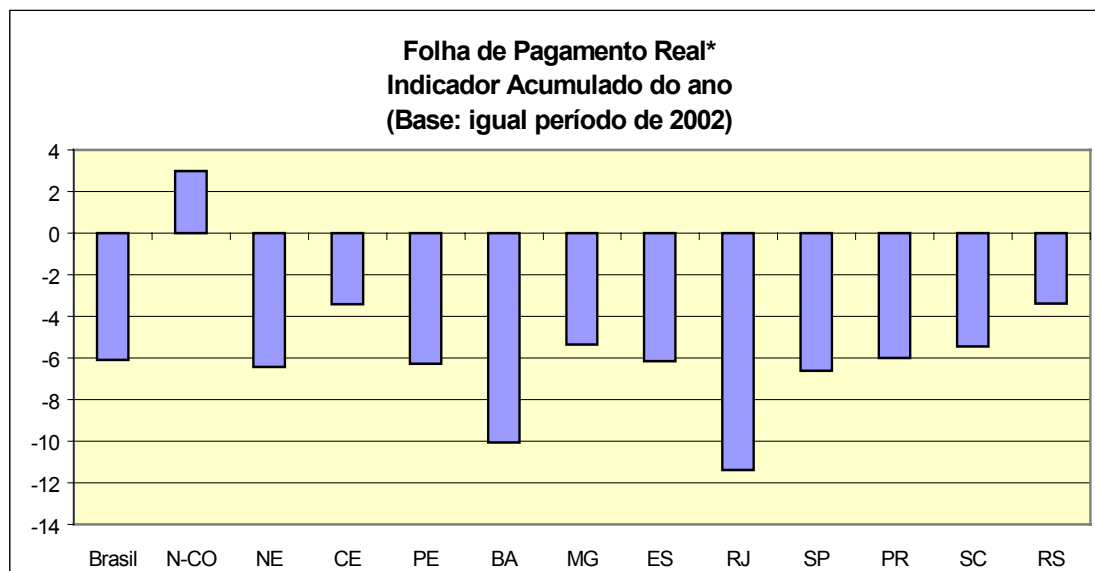
\*\* Série com ajuste sazonal

No entanto, nos demais confrontos, a folha de pagamento da indústria brasileira permanece mostrando perda real: -3,4% em relação a julho de 2002, -6,1% no acumulado do ano e -4,6% nos últimos doze meses. No que tange à folha média de pagamento verificam-se reduções em todos os indicadores: julho 03/julho 02 (-2,3%), acumulado no ano (-5,8%) e nos últimos doze meses (-4,4%).

Na comparação com julho do ano passado observam-se reduções, em termos reais, na folha de pagamento em treze dos quatorze locais pesquisados. As indústrias de São Paulo (-3,0%) e, conseqüentemente, as da região Sudeste (-3,7%) respondem, mais uma vez, pelas contribuições de maior impacto na formação da taxa global de -3,4%, influenciadas sobretudo pelos decréscimos no setor de papel e gráfica (-17,6%, na primeira e -16,8% na segunda). Em termos de magnitude de queda, sobressaem Bahia (-10,7%) e Rio de Janeiro (-8,9%), em razão, principalmente, das reduções reveladas por produtos químicos (-16,9%), na primeira, e pelas indústrias extrativas (-10,2%), na segunda. Em contraposição, a região Norte e Centro-Oeste é o único local pesquisado que apresenta expansão na folha de pagamento real (2,9%), na comparação com julho de 2002. Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos na maioria (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, ficando os recuos de maior impacto na taxa global com papel e gráfica (-12,2%), minerais não metálicos (-14,4%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-9,2%) e têxtil (-13,4%).

No indicador acumulado no ano, apenas as indústrias da região Norte e Centro-Oeste (3,0%) elevam o total da folha de pagamento de seus empregados. As maiores perdas reais são observadas no Rio de Janeiro (-11,4%) e na Bahia (-10,1%), ficando as principais contribuições negativas na formação da taxa global, também neste comparativo, com as indústrias de São Paulo (-6,6%), influenciadas sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-17,7%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-18,1%). No total do país, ainda neste indicador, há redução na folha de pagamento dos trabalhadores em dezessete dos dezoito setores analisados. Na formação da taxa global de -6,1%,

destacam-se com os maiores impactos negativos: papel e gráfica (-14,3%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,2%) e minerais não metálicos (-16,0%). Com expansão figura apenas o setor de alimentos e bebidas (1,2%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

\* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Ainda no indicador acumulado no ano, no que se refere à folha média real de pagamento da indústria, verificam-se perdas em todos os locais e setores pesquisados. Regionalmente, os decréscimos variaram entre -1,4% registrado no Ceará e os -8,5% do Paraná, enquanto em nível setorial, as quedas mais intensas no total do país estão nas indústrias extrativas (-13,6%) e papel e gráfica (-12,4%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de junho para julho, uma manutenção no ritmo de queda tanto do total da folha de pagamento, que passa de -4,5% para -4,6%, como na folha média (de -4,3% para -4,4%).

#### NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em julho, o indicador do número total de horas pagas na indústria sofreu uma retração de 1,0% em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, acentuando a situação de recuo observada em junho (-0,5%). O confronto com julho de 2002 assinalou queda de 1,6%; o acumulado no ano (-0,8%) acentuou a redução iniciada em abril (-0,1%), enquanto que o indicador dos últimos doze meses manteve tendência de estabilidade

(-0,6%). A jornada média de trabalho exibiu decréscimo de 0,4% na comparação com igual mês de 2002, e quedas também no acumulado no ano (-0,5%) e nos últimos doze meses (-0,3%).

O número de horas pagas mostrou redução de 1,6% em relação a julho de 2002, a quinta consecutiva, com dez dos quatorze locais levantados apresentando redução nas horas pagas. Em termos regionais, a principal influência negativa na consolidação do índice global foi verificada em São Paulo (-1,3%), seguido por Minas Gerais (-2,9%) e Rio de Janeiro (-4,0%). Também, apresentaram-se com retração: Bahia (-2,3%), Região Nordeste (-2,7%), Rio Grande do Sul (-6,3%), Espírito Santo (-7,0%) e Ceará (-7,4%). Por outro lado, Paraná (3,9%) e Região Norte e Centro-Oeste (3,1%) responderam pelas principais contribuições positivas, em razão, sobretudo, do aumento das horas pagas no setor de alimentos e bebidas, que alcançou 3,1% e 2,9%, respectivamente.

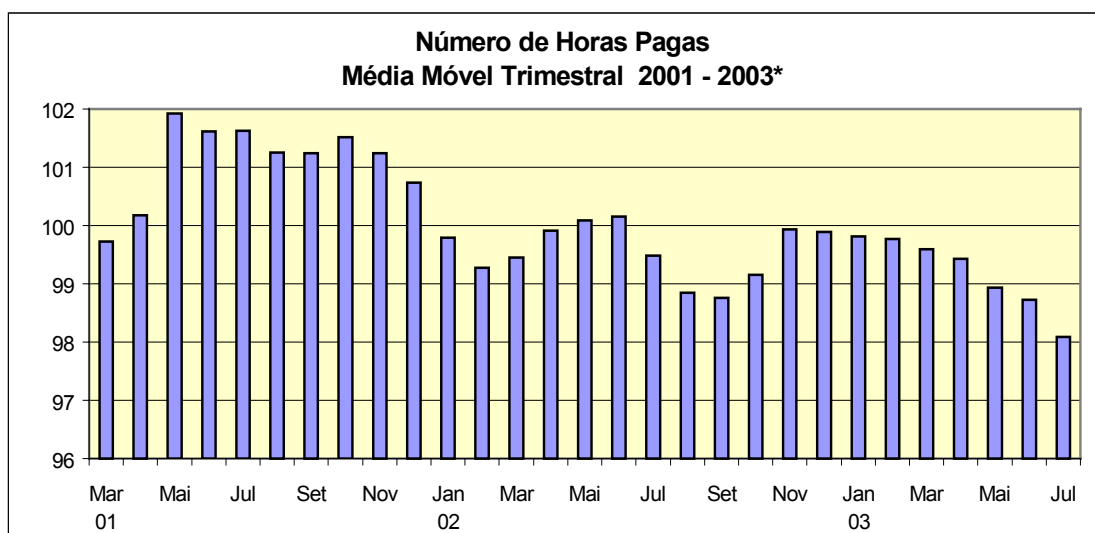
Em termos setoriais, ainda no indicador mensal, as principais pressões negativas na redução das horas pagas foram exercidas, notadamente, pelos setores de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,7%), têxtil (-7,4%), vestuário (-4,7%), calçados e couro (-5,4%) e minerais não-metálicos (-6,0%). Inversamente, a maior contribuição positiva foi observada em alimentos e bebidas (2,1%).

O indicador acumulado no ano (-0,8%) refletiu as perdas na jornada de trabalho em onze setores pesquisados. As reduções que tiveram maior influência no resultado global foram as verificadas nos setores de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-10,1%), minerais não-metálicos (-4,9%) e têxtil (-4,4%). Por outro lado, alimentos e bebidas (3,0%) também foi o responsável pela principal contribuição positiva neste tipo de indicador.

O indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,6%) apontou uma certa estabilidade na trajetória das horas pagas, dado os valores verificados em maio (-0,4%) e junho (-0,5%). No total do país, doze setores exibiram retração, sendo que o maior impacto negativo se deu na fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-9,2%), enquanto o maior positivo partiu de alimentos e bebidas (4,6%), repetindo, em termos de

setores que se destacam, o observado no mês anterior. Regionalmente, São Paulo (-2,0%) determinou a principal influência negativa, sendo acompanhado pelas quedas no Rio de Janeiro (-3,8%), Minas Gerais (-1,9%), Rio Grande do Sul (-1,2%), Espírito Santo (-1,4%) e Bahia (-1,1%). Os locais com desempenhos positivos foram: Região Norte e Centro-Oeste (4,3%), Paraná (3,3%), Santa Catarina (2,2%), Pernambuco (4,5%), Ceará (0,9%) e Nordeste (0,3%).

Acompanhando o movimento apontado pelo emprego, a evolução da horas pagas pelo gráfico de média móvel trimestral na passagem de junho para julho também sinalizou redução, porém mais acentuada (-0,7%).



Fonte: IBGE/DPE/Coodenação de Indústria  
\*série com ajuste sazonal